



A INTERSUBJETIVIDADE JORNALÍSTICA E A COBERTURA SOBRE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO BRASIL

*Journalistic intersubjectivity and coverage of the
coronavirus pandemic in Brazil*

Autores/as **Marília Gabriela Silva Rêgo¹**
Universidade Federal de Pernambuco
marilia.rego@ufpe.br

Raíssa Nascimento dos Santos²
Universidade Federal de Pernambuco
raissa.nascimentosantos@ufpe.br

Heitor Costa Lima da Rocha³
Universidade Federal de Pernambuco
heitor.rocha@ufpe.br

Resumo Este trabalho tem o objetivo de discutir a intersubjetividade como característica constitutiva da narrativa jornalística em contrapartida ao mito da objetividade. Para tanto, as reflexões partem do conceito de dialogismo em Bakhtin e do auxílio de Schudson (2010) e Motta (2017). Ao longo do texto são trazidos casos da imprensa brasileira sobre a cobertura da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) que desafia a narrativa jornalística a trazer enredos compreensíveis diante da complexidade da crise. Neste sentido, verificou-se a importância da intersubjetividade no contexto das implicações envolvidas na construção da notícia sobre a pandemia da Covid-19, situando o jornalista como parte ativa deste processo, inclusive nas marcas discursivas da emoção que reforçam a relação do indivíduo com o mundo possível presente nas notícias, constituindo o jornalismo sempre envolvido pelo outro e suas circunstâncias culturais, históricas e sociais.

Palavras-chave Intersubjetividade; jornalismo brasileiro; Coronavírus no Brasil; pandemia

Abstract This work aims to discuss intersubjectivity as a constitutive characteristic of the journalistic narrative as opposed to the myth of objectivity. For that,

¹ Pós-Graduação em Comunicação / Centro de Artes e Comunicação (CAC), Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

ORCID ID - <https://orcid.org/0000-0001-5222-8603>

² Pós-Graduação em Comunicação / Centro de Artes e Comunicação (CAC), Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

ORCID ID - <https://orcid.org/0000-0003-4405-8610>

³ Departamento de Comunicação / Centro de Artes e Comunicação (CAC), Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

ORCID ID - <https://orcid.org/0000-0003-3967-9084>

the reflections start from the concept of dialogism in Bakhtin and the aid of Schudson (2010) and Motta (2017). Throughout the text, cases from the Brazilian press about the coverage of the pandemic of the new coronavirus (Covid-19), which challenges the journalistic narrative to bring understandable plots in the face of the complexity of the crisis, are brought up. In this sense, it was verified the importance of intersubjectivity in the context of the implications involved in the construction of news about the Covid-19 pandemic, placing the journalist as an active part of this process, including in the discursive marks of emotion that reinforce the individual's relationship with the possible world present in the news, constituting journalism always involved by the other and their cultural, historical and social circumstances.

Keywords Intersubjectivity; Brazilian journalism; Coronavirus in Brazil; pandemic

I. Introdução

A concepção de uma notícia é um trabalho que envolve múltiplas interações. Não há como pensarmos em dois pontos extremos: em que só o jornalista é protagonista da história que conta, porque o acontecimento envolve atores diversos; ou ficar preso a uma visão que subestima a sua atuação profissional, minimizando sua interpretação de mundo. O texto noticioso trata-se de uma complexa narrativa (Motta, 2017), fruto de uma experimentação de mundo e vinculada a processos de interação, como o diálogo entre jornalista e suas fontes e personagens, mas também as relações culturais, familiares, sociais, históricas, religiosas em que estes estão envolvidos, além da influência da organização e da pressuposição de seus públicos. Esse é o fundamento que nos leva a recusar a objetividade jornalística e seus envoltos (neutralidade, imparcialidade) e a considerar a narrativa jornalística como constitutivamente intersubjetiva.

Tratar sobre a intersubjetividade torna-se relevante para contribuir com reflexões que superem a tendência jornalística de conceber a notícia como reprodução do real. Este exercício inclui entender que o valor intersubjetivo não compromete o rigor jornalístico. Isso quer dizer que o zelo pela apuração crítica e equilíbrio entre as versões dos acontecimentos continuam norteando o trabalho dos jornalistas. Essa dinâmica já demonstra, inclusive, que o jornalista tem papel ativo no processo de construção da notícia, envolvendo-a sempre de intencionalidade e responsabilidade ética sobre seu enquadramento (Chaparro, 1994), constatação que mais uma vez reforça o contraponto com a perspectiva positivista no campo do jornalismo que oprime o

jornalista e pretende neutralizar a sua capacidade de atribuir sentido às coisas e emitir juízo sobre a realidade.

Para corroborar a afirmação de Popper (1993) de que o que se entende, na sua melhor compreensão, por “objetividade” seria melhor representado pelo termo “intersubjetividade”, Líriam Sponholz (2009, p. 172) garante que um indivíduo “objetivo no sentido de sem julgamentos de valores não existe. Desta maneira, não se pode exigir liberdade de juízos de valor do sujeito em um processo de conhecimento. Por isso, Popper define ‘objetivo’ consequentemente como intersubjetivo e com isso se refere ao método do cientista.” Neste sentido, não podemos negar ao cientista social, bem como ao cidadão ou, especialmente, ao jornalista, a característica essencial da espécie humana de elaborar julgamentos sobre a realidade.

Nós não podemos roubar a parcialidade do cientista sem roubar a sua humanidade. De maneira bem parecida, nós também não podemos proibir ou destruir os seus julgamentos. (...) O cientista objetivo e sem valores não é o cientista social. Sem paixão, não funciona, e na ciência pura não funciona mesmo. (Popper, 1993, citado em Sponholz, 2009, p. 172)

Com este entendimento, discutiremos a intersubjetividade diante dos termos do dialogismo *bakhtiniano*, princípio que evidencia a presença sempre constante do outro no discurso. Esse conceito nos ajuda a contemplar que o discurso jornalístico não consegue espelhar o real, mas sim uma leitura possível dos acontecimentos, e a notícia, por sua vez, é considerada fruto da interação do jornalista com a política editorial do veículo e com leitor/ ouvinte/ telespectador/ internauta.

No mesmo sentido, Miquel Rodrigo Alsina (2009) chama a atenção para a importância da intersubjetividade do “mundo de referência”, como conjunto de interpretações existentes no acervo compartilhado de conhecimentos da sociedade sobre o “mundo real”, para possibilitar ao jornalista construir a notícia como “um mundo possível”, ou seja, inteligível ao público que compõe a comunidade de comunicação. Assim,

temos o mundo possível. Ele será aquele mundo que o jornalista construirá levando em conta o mundo “real” e um mundo de

referência escolhido. Em resumo, o jornalista não pode estabelecer qualquer mundo possível, mas precisa levar em conta os fatos que ele conhece sobre o assunto que pretende relatar e as características do mundo de referência a que os fatos remetem. Esse mundo possível construído dessa forma terá as marcas pertinentes do mundo de referência. (Alsina, 2009, p. 308)

As reflexões contemplam ainda a exemplificação dos princípios teóricos através da cobertura jornalística da imprensa brasileira sobre a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), atualmente a principal crise em saúde pública. A situação pandêmica provocou mudanças comportamentais da população, desafiou a medicina e a ciência a entender sobre medicamentos e vacinas para conter o vírus e, também, desafiou o campo do jornalismo em sua prática diária (medidas sanitárias e comportamentais de proteção) a se aperfeiçoar na orientação à população nesta situação de crise (fornecendo informações de interesse público e influenciando a maneira como a população deve agir nesta situação). Além de fiscalizar e denunciar constantes corrupções de gestores desviando recursos que deveriam ser destinados à compra de equipamentos para utilização nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI's) para atender pacientes em estado grave.

Nosso foco sobre a imprensa brasileira se justifica pela expressividade de casos e particularidades políticas no tratamento da pandemia. A pandemia em território brasileiro teve início em 26 de fevereiro de 2020 com a confirmação do caso de um homem de 61 anos que veio da Itália (Oliveira & Ortiz, 2020). Em agosto, o país completou seis meses desde que ocorreu o primeiro óbito pela doença e, também, no mesmo mês atingiu o número de mais de 120 mil mortes, estando atrás apenas dos Estados Unidos. No Brasil, a crise tem sido marcada pela constante discordância entre a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o presidente Jair Bolsonaro, principalmente com relação às orientações científicas sobre isolamento social e uso da cloroquina defendida pelo presidente e recusada pelos especialistas na área da saúde, situação que já provocou a saída dos ex-ministros Luiz Henrique Mandetta e Nelson Teich (este último completando apenas 29 dias no cargo). Desde a saída de Teich em 15 de maio de 2020, ainda não há um ministro efetivo no Ministério da Saúde, este sendo conduzido interinamente pelo general Eduardo Pazuello. Assim, o jornalismo brasileiro, portanto, tem o desafio de cobrir duas crises: a de saúde pública e a política (Moreira, 2020).

Essa situação conturbada, em que o presidente da República, numa postura negacionista da gravidade do problema, menospreza a pandemia considerando-a apenas uma “gripezinha” e estimula a população a não seguir as recomendações médicas de isolamento social e uso de máscara, desafia ainda mais o jornalismo diante da tarefa de orientar as pessoas sobre que medidas devem ser seguidas durante esse período. Diante deste contexto, a imprensa teve até de se articular em um conglomerado midiático formado por diferentes empresas de comunicação e profissionais, para apurar e monitorar a quantidade de óbitos no Brasil, devido à tentativa assumida pelo Ministério da Saúde de ocultar e/ou mascarar o número de óbitos e infectados pela doença. Desta maneira, para enfrentar a atitude contrária à boa prática da transparência na gestão pública do governo Bolsonaro, o consórcio de meios de comunicação difunde informações diárias de dados sobre infecção e óbitos, não na perspectiva de reprodução da realidade, já desconsiderada dentro da análise deste texto, mas, sim, como leitura de mundo, organizadas em enredos compreensíveis para que os públicos possam interpretá-la (Motta, 2017). Os dados por si só também não representam uma universalidade, mas, sim, um recorte dessa realidade que nos ajuda a compreender o mundo à nossa volta.

Por isso, torna-se relevante identificar que, mesmo nas notícias mais factuais e/ou mais envolvidas com dados, a sua constituição intersubjetiva permanece. Torna-se ainda mais interessante observar nos exemplos da grande mídia brasileira porque, recorrentemente, a objetividade é um lema defendido pela mídia comercial em contraponto aos veículos de posicionamento explícito (Comunicação Pública, Jornalismo Independente, Comunitário).

Ao lado do pensamento de Bakhtin (2011), a discussão conta também com as reflexões de Motta (2017), Traquina (2016) e Schudson (2010), que auxiliam no olhar sobre a narrativa jornalística como intersubjetiva. Os casos que exemplificam as considerações teóricas são da imprensa brasileira de alcance nacional. As reflexões permitiram esclarecer que o jornalismo está lutando a favor de salvar vidas, utilizando a informação de qualidade e verídica como instrumentos necessários e vitais, para o combate ao enfrentamento da Covid-19, tendo inclusive a grade de programação das emissoras alteradas para que o espaço dedicado a notícia fosse maior e mais eficaz neste momento em que se faz imprescindível a verdade dos fatos, como a entrada do novo programa matinal da TV Globo, Combate ao Coronavírus, apresentado pelo jornalista

Márcio Gomes, que foi veiculado na imprensa nacional entre 17 de março e 22 de maio de 2020, chegando a ter na TV aberta 11 horas consecutivas de programas jornalísticos, das 4h da manhã às 15h. Nosso objetivo não é trazer uma análise discursiva das notícias, mas de refletir elementos que confirmam a intersubjetividade no discurso jornalístico.

2. Narrativa jornalística: a intersecção entre o dialogismo e a intersubjetividade

O jornalismo possui uma função relevante no campo social porque influencia diretamente na formação da opinião pública (Park, 2008). As notícias, de modo geral, promovem o conhecimento do mundo que nos cerca, possibilitando que os cidadãos possam construir opiniões e ação política. É nessa perspectiva que é possível compreender como as notícias estão presentes na sociedade de modo que anunciam e provocam mudanças e possibilitam a compreensão de mundo, tão relevante para determinar o nosso agir. Se sabemos o que está acontecendo, podemos agir de determinada maneira.

O discurso jornalístico, então, mesmo aquele mais factual, corresponde a uma narrativa. Nele estão presentes as personagens (pessoas envolvidas no acontecimento, as fontes), o espaço e tempo do acontecimento e todo o enfeixamento em enredos compreensíveis que seguem uma espécie de roteiro situando o acontecimento em um “quem”, “onde”, “como”, “quando” e “por que” para que o leitor/ouvinte/telespectador possa recebê-lo e interpretá-lo. Essa escolha é “orientada pela aparência que a realidade assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (Traquina, 2016, p. 235). Sobre isso, Motta (2017) caracteriza a narrativa jornalística como uma experimentação da realidade, de forma que o contato com o mundo possibilita a formação de referências e cria modelos de ordenamento, fazendo com que a notícia nos permita “explorar permanentemente nossa experiência temporal, compor enredos e histórias superpostas, compreender quem somos e onde estamos em cada momento. Elas explicam, ensinam, instituem provisoriamente o mundo, nosso mundo que refazemos sem cessar” (Motta, 2017, p. 239).

Para discutir o valor da intersubjetividade, recorre-se primeiro ao conceito *bakhtiniano* de dialogismo. Este princípio considera que a essência do discurso é ser

sempre constituído por outro discurso. Essa ideia é fundamentada pelo ato da comunicação que envolve interações verbais e não-verbais, em diálogo constante não somente com o interlocutor, mas com o passado histórico, as relações culturais, sociais, religiosas e políticas. Esse diálogo não pressupõe uma resposta imediata, mas é sempre feito com intencionalidade para alguém. Assim sendo, é acertado dizer que existem discursos anteriores ao nosso que nos constituem.

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (Bakhtin, 2011, p. 297)

A característica dialógica abre a discussão para entendermos a natureza intersubjetiva da narrativa jornalística, uma vez que, se todo discurso é permeado pelo outro, assim também é o discurso jornalístico. Essa perspectiva rompe com a compreensão de objetividade jornalística marcada pela neutralidade e espelhamento da realidade. Isso nos é concebido como impossível já que no ato da produção da notícia estão envolvidos aspectos como: o discurso do jornalista (perpassado por suas experiências de vida, contexto famílias, político, social e religioso), da organização do veículo (linha editorial, publicidade envolvida, condições de produção, tecnologia) e dos públicos.

Há um embate, no entanto, persistente sobre o fazer jornalístico com relação à ilusória dicotomia entre fato e opinião. Isso é tão recorrente que dentro dos gêneros jornalísticos existem aqueles prioritariamente opinativos (editorial, artigo de opinião, colunas) e os veículos de comunicação tendem a reproduzir essa separação nas redações em que apenas alguns profissionais têm acesso a esse espaço opinativo. Se assim compreendêssemos, a grande maioria dos jornalistas, então, estaria apenas narrando fatos sem que sua interpretação/opinião estivesse presente. Mas, esta condução de pensamento é equivocada uma vez que, conforme Schudson (2010) observa, o fato é, na verdade, um juízo majoritário sobre o acontecimento, distinguindo-se da opinião apenas por uma questão de gradação de esforço cognitivo de interpretação.

Outro importante ponto a reforçar é que todo discurso é ideológico, portanto, é impossível conceber um texto jornalístico isento de ideologia. A problemática que incide sobre essa abordagem se refere à ideologia como marca negativa (Van Dijk, 1998) e dada essa perspectiva é que se cria a polaridade entre um jornalismo ideológico e o suposto “a-ideológico”. Não há possibilidade deste último ser concebido porque a ideologia não significa uma crença falsa, mas sim “a base das representações sociais compartilhadas pelos membros de um grupo (Van Dijk, 1998, p. 21). Isto quer dizer que as ideologias possibilitam as pessoas a organizar a complexidade de crenças sociais e a agir sobre determinada(s) questão(ões). Assim sendo, todos nós somos seres ideológicos e fazemos partes de grupos com ideologias próprias. A mídia, por sua vez, é constituída de ideologias e é um espaço de divulgação e fortalecimento delas.

Todos esses pontos reforçam a natureza intersubjetiva do jornalismo: não há como conceber o discurso jornalístico sem o envolvimento da presença do outro, sem sua relação comunicativa com o mundo. Não é possível falar do jornalismo sem apresentar o processo de ações conscientes e intencionadas que envolvem os princípios éticos jornalísticos, mas também dos atores do processo: “No jornalismo as ações, os afazeres e seus contextos são de alta complexidade, pois se trata de um processo social e cultural de intermediação com múltiplos emissores produtores (de informações e opiniões) e receptores usuários” (Chaparro, 1994, pp. 17-18). A notícia, por si só, é inevitavelmente concebida em diálogo.

O contexto intersubjetivo implica conceber o processo de semiose de elaboração de significação em que interpretantes se vão continuamente traduzindo uns aos outros, formando uma ideia cada vez mais apurada do seu objeto, conforme a perspectiva da pragmática e sua teoria consensual da verdade com a regra de validação, potencialmente mutável, pela comunidade de comunicação.

A epistemologia peirceana e a sua teoria da verdade seguem a mesma regra, o que as torna profundamente atuais pois ao mesmo tempo que rejeitam o idealismo e o relativismo (que seriam fatais à possibilidade mesma de existência do jornalismo, e estão na base da crise das *fake news*), conservam o realismo de tipo aristotélico, a ideia de existência de um mundo sobre qual se podem produzir enunciados que serão verdadeiros se objeto de acordo generalizado da comunidade, mas

sobre os quais nunca se exclui a possibilidade de revisão, ou seja, o falibilismo. (Rocha & Gradim, 2020, p. 102-103)

Dessa maneira, encontra-se na narrativa jornalística a presença de todo o processo intersubjetivo a partir da linguagem utilizada na elaboração do produto jornalístico e da escolha das palavras no ato da produção das notícias.

3. Desafio jornalístico: o contexto da pandemia do Coronavírus

Por volta de dezembro de 2019 até a atualidade em 2020, o mundo tem vivenciado a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) que teve início de infecção na China e se mostra hoje como a pior crise de saúde pública mundial dos últimos 100 anos. A situação modificou toda a relação de convivência no mundo, exigindo a adoção de isolamento social, uso de álcool em gel, máscaras e limpeza de alimentos. Mudou, inclusive, o modo de fazer jornalismo. Há a obrigatoriedade do uso de máscara pelo repórter, o afastamento numa entrevista ou até mesmo, principalmente nos primeiros meses, a realização de trabalho home office, além da problemática em obter dados confiáveis que dependem prioritariamente das fontes oficiais. Dificuldades outras podem surgir como, por exemplo, aconteceu no Estado do Piauí, quando a TV Clube, afiliada da Rede Globo, teve de suspender seus telejornais a partir do dia 20 março porque o jornalista Marcelo Magno havia sido diagnosticado com o novo coronavírus (GI, 2020). Neste período de quarentena da emissora, o canal passou a transmitir os telejornais de Recife – PE até o dia primeiro de abril, após 12 dias de afastamento.

O jornalismo se mostrou ainda mais relevante neste período, principalmente como orientador das ações dos cidadãos em meio ao desconhecimento sobre o vírus. As notícias têm contemplado essencialmente a quantidade de casos e de óbitos, mas também focado em como agir. Essa pandemia reforçou também a relevância das informações a nível local e regional, porque as pessoas precisam saber sobre a sua localidade e as ações dos governos que podem ter um direcionamento distinto das diretrizes nacionais (Schulz, 2020). O Instituto Reuters divulgou uma pesquisa realizada entre os meses de janeiro e fevereiro de 2020 sobre a valorização das notícias locais. O Brasil aparece em primeiro lugar dos 40 países analisados, contabilizando 73% da população como interessada em notícias locais (Schulz, 2020), o que ressalta a importância da presença do regionalismo nos trabalhos jornalísticos.

A pandemia evidenciou as mídias tradicionais de referência como protagonistas na divulgação das notícias como as mais confiáveis, já que as redes sociais têm potencializado a divulgação da *fake news* (Moreira, 2020). Houve um crescimento significativo na audiência de TV, contabilizando 77% da população que recorre ao telejornalismo para se manter informado (Vogel / Pesquisa Kantar Ibope realizada entre os dias 20 de abril e 07 de maio de 2020). Diante da conjuntura atual e dos desafios jornalísticos para informar, busca-se focar na intersubjetividade desta narrativa que, por numa situação adversa como essa, pode ser cobrada a espelhar a realidade da doença e dos casos, ideia desmistificada neste trabalho.

4. Cobertura jornalística da pandemia no Brasil: as marcas da intersubjetividade

Conforme abordado, mesmo que as emissoras afirmem constantemente que se dedicam aos fatos, sabemos que estes não são exatamente a ausência de opinião. A emissora brasileira líder de audiência, a Rede Globo, por exemplo, utiliza fortemente esse discurso quando em seus comerciais apresenta o jornalismo da casa como assegurador do “fato”. Em agosto de 2020, lançou a mensagem publicitária de que o jornalismo constrói “uma ponte segura entre fatos e pessoas”. Com a pandemia do novo coronavírus, essa mensagem se ampliou para a campanha “Fato ou Fake” contra notícias falsas. E, tendo em vista a relevância da temática atualmente, podemos citar como exemplo da constatação das marcas de intersubjetividade a cobertura jornalística da pandemia do novo Coronavírus no ano de 2020.

O jornalismo enquanto instituição social esteve à frente no combate através da propagação de informações de qualidade e no enfrentamento das *fake news*. O modo de entregar a notícia para a população mudou. Os profissionais se reinventaram na maneira de transmitir as notícias. Nos jornais diários, a cobertura tem sido mais pontual com foco nos casos de infectados e mortos, em como as cidades e estados estavam se organizando para combater o vírus, com destaque para os momentos mais expressivos da doença no país, como: quando o Brasil registrou o primeiro caso da doença (26 de fevereiro de 2020), a primeira morte (17 de março de 2020), 50 mil mortes (20 de junho de 2020) e 100 mortes (8 de agosto de 2020), respectivamente. Ou quando o Ministro da Saúde Luís Henrique Mandetta saiu (16 de abril de 2020), o até então novo Ministro

Nelson Teich assumiu (17 de abril de 2020) e posteriormente renunciou menos de um mês depois (15 de maio de 2020).

Em um dos maiores jornais televisivos do Brasil, o “Fantástico”, exibido há mais de 30 anos nos domingos, em horário nobre da Rede Globo, buscou-se apresentar as vítimas do Covid-19 não apenas como números. As matérias apresentavam as histórias das pessoas através da montagem de um painel de fotos com as imagens de uma boa parte das vítimas, informando nome, idade e os sonhos das vidas perdidas. Além de ter realizado uma parceria com os atores da emissora que dramatizaram os relatos com a narração da história das vítimas, sempre destacando a vida, os sonhos não finalizados, os parentes que ficaram e também, a vulnerabilidade da vida humana. Esta narrativa representou uma tentativa autêntica e inédita de trabalhar a emoção e sensibilizar o público sobre a importância de se proteger respeitando o isolamento social. Aqui se desmistifica, portanto, que a intersubjetividade aconteça somente quando há uma valorização emocional ou partidária no jornalismo. Nos dois casos há a intersubjetividade porque, como afirmado durante o texto, é parte constitutiva do fazer jornalístico.

Outro momento delicado no Brasil aconteceu quando o país alcançou a triste marca das 50 mil mortes. Isso aconteceu no dia 20 de junho de 2020, e o editorial do Jornal Nacional abordou diretamente este momento histórico quando o jornalista e editor-chefe, William Bonner, afirmou: "A história vai registrar também aqueles que se omitiram, que foram negligentes, que foram desrespeitosos. A história atribui glória e atribui desonra. E a história fica para sempre". Enquanto o editorial era apresentado, as imagens das vítimas eram mostradas ao fundo em um grande painel da solidariedade às famílias, com o intuito de sensibilizar os espectadores e reafirmar a necessidade dos cuidados para evitar a propagação da Covid-19. E, após 49 dias, o número de vítimas fatais torna-se o dobro, alcançando a marca dos 100 mil mortos pela Covid-19, no dia 8 de agosto de 2020, tendo no mesmo dia registrado a marca de 3 milhões de casos confirmados no país, perpassando 143 dias após a primeira morte da doença no Brasil.

As notícias sobre a pandemia trazem frequentemente dados numéricos de infectados, óbitos, leitos. Ao contrário do que se pode associar como objetividade jornalística relacionada à quantificação, as estatísticas não reduzem a interpretação. Esses dados, coletados principalmente pelo Ministério da Saúde nos primeiros meses, e posteriormente pelo Consórcio de Veículos de Imprensa (porque o Ministério parou de

divulgar) demonstram que a notícia depende dessa interação. Esses dados são interpretados pelo locutor, evidenciando a sua postura ativa na construção da notícia, não apenas reproduzindo as estatísticas, mas compreendendo-as e atribuindo a elas valor e sentido.

É relevante destacar também que os exemplos citados pertencem ao formato audiovisual que, além do recurso das imagens, tem-se também, a nível discursivo, a entonação. Essa entonação também expressa sentido, principalmente reforçando a presença do outro no discurso (a sua intersubjetividade) porque:

a expressão do falante penetra através desses limites e se dissemina no discurso do outro, que podemos transmitir em tons irônicos, indignados, simpáticos, reverentes (essa expressão é transmitida com o auxílio de uma entonação expressiva – no discurso escrito é como se a advinhássemos e a sentíssemos graças ao contexto que emoldura o discurso do outro – ou pela situação extra verbal – ela sugere a expressão correspondente. (Bakhtin, 2011, p. 299)

Uma notícia impressa, por outro lado, não possui o recurso de entonação “falada”, mas uma entonação “escrita” através, principalmente, da pontuação (pontos de exclamação, reticências, aspas), além de possíveis marcas de ironia (uso do diminutivo, repetições, comparações).

Em outra notícia, desta vez veiculada no site do Ministério da Saúde (Brasil, 2020) quando foi confirmado o primeiro caso da doença no país (26 de fevereiro de 2020), temos o caso comum de um discurso jornalístico mais factual. Com o título “Brasil confirma primeiro caso da doença”, verificamos que mesmo uma notícia nos termos factuais está envolvida por suas relações dialógicas e isso fica ainda mais claro quando a fala dos entrevistados são citadas, mesmo que em discurso direto, quando aparenta-se se distanciar do que é citado, mas que na verdade é resultado da interpretação e relação com aquele que escreve a notícia, podendo ser utilizado estrategicamente para criar efeito de autenticidade, distanciamento por não concordar ou até a demonstração de adesão ao que é dito (Maingueneau, 2008). Essa notícia em particular mencionou constantemente suas fontes através do uso do discurso direto, com falas do até então Ministro Luiz Henrique Mandetta e do secretário de Vigilância em Saúde, Wanderson

de Oliveira explicando como o Brasil, naquele momento, enfrentaria a pandemia, reforçando os hábitos de higiene e garantindo o acesso às informações.

Importante mencionar que as fontes são um recurso do gênero notícia porque o jornalista não produz o texto jornalístico inteiramente através de seu próprio conhecimento, mas sim da apuração e das informações fornecidas pelas personagens e instituições que participam e/ou testemunham o acontecimento (Lage, 2001). Essa mobilização de vozes é o que aponta claramente o caráter intersubjetivo, apresentando as interações entre jornalistas, fontes, personagens, contextos e acontecimentos. A maneira como essa “sinfonia” aparece revela o posicionamento editorial do veículo e do jornalista. No caso do G1, percebeu-se, sem uma análise tão aprofundada, mas ainda assim relevante, que se colocava a favor das medidas preventivas e de isolamento social enquanto muitas vezes destacava que a posição do atual presidente Jair Bolsonaro era contrária não somente a essas medidas, mas à própria Globo, como foi possível observar numa notícia veiculada no dia 05 de junho de 2020 de título “ 'Acabou matéria do Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus” (G1, 2020).

A notícia nos leva a crer, ainda, que o presidente tomou a decisão inicial de criticar a Globo quando afirma explicitamente que: “Sem que ninguém fizesse qualquer menção a nenhum órgão de imprensa específico”, ou seja, a atitude de ‘ataque’ teria sido do presidente. O portal de notícias da Globo, então, divulgou nota e divulgou junto ao corpo da notícia confirmando essa oposição:

O público saberá julgar se o governo agia certo antes ou se age certo agora. Saberá se age por motivação técnica, como alega, ou se age movido por propósitos que não pode confessar mais claramente. Os espectadores da Globo podem ter certeza de uma coisa: serão informados sobre os números tão logo sejam anunciados porque o jornalismo da Globo corre sempre para atender o seu público. (G1, 2020)

Os exemplos trazidos reforçam que todo o texto jornalístico é formado por intensas interações, que envolvem, inclusive, concordâncias e discordâncias. São vozes que ecoam na notícia e são inevitáveis, portanto, garantindo seu valor intersubjetivo. Podemos nos referir também como sendo as relações dialógicas (Bakhtin, 2011) as quais

já recordamos neste texto. No caso das notícias dentro sobre a pandemia, por exemplos, elas carregam consigo um reflexo do passado histórico sobre pandemias já vividas no mundo, em destaque a Gripe Espanhola vivida entre 1918 e 1919, o contexto atual de pesquisas e descobertas sobre o vírus, medidas de prevenção, tratamento e combate através de medicamentos e vacina. Há uma pluralidade de discursos que se somam e são parte da notícia.

5. Conclusão

Falar sobre intersubjetividade é entender todo o contexto de implicações envolvidas na construção da notícia até seu produto final. É evidenciar que o jornalista é parte deste processo, mas não somente ele. Nele estão presentes ecos do mundo que reverberam inevitavelmente no texto jornalístico. A partir de Bakhtin vimos que as vozes estão sempre presentes no discurso e que a narrativa jornalística as reúne e forma enredos compreensíveis (Motta, 2017). Nesses termos, a presente pesquisa reafirma que, para além de destacar o envolvimento ativo do jornalista como uma subjetividade aparente que pressupõe marcas discursivas da emoção, estamos reforçando a natureza intersubjetiva, ou seja, a relação do indivíduo com o mundo presente no texto.

Discute-se também que as reportagens que apresentem um possível apelo emotivo ou posicionamento explícito ainda são questionadas diante do embate contra a objetividade. A emoção não é hierarquicamente menor ou uma fraqueza humana no jornalismo como pressupõe as crenças positivistas. A insistente proposição que distancia o jornalismo opinativo do jornalismo informativo impede de olhar mais profundamente que, explícita ou não, a opinião é própria da interpretação jornalística. Isso quer dizer que, mais do que a marca da subjetividade exposta em emoção ou posicionamento explícito, a intersubjetividade se refere à constituição do discurso jornalístico em ser sempre envolvido pelo outro e pelas relações que o cercam (culturais, históricas e sociais).

Essa abordagem não é um desafio somente percebido na prática profissional, mas desde o ensino do jornalismo influenciado pelo processo de padrão jornalístico americano em que havia o incentivo ao conceito de profissionalismo neutro (Hallin & Mancini, 2010). Na realidade, o desafio não deveria ser o de informar imparcialmente, mas de apurar de forma consistente e transparentemente fundamentada, através de uma

perspectiva pluralista, representando a diversidade significativa de versões existentes sobre o acontecimento.

Atualmente, diante de um momento histórico-social que se vivencia da pandemia do novo coronavírus, encontra-se a imprensa brasileira imersa no objetivo ideológico de ser um instrumento normativo de combate, na área da saúde, ao vírus, mas, também, de combate ao vírus político-social que agrava a ameaça à nação brasileira e a desafia a ter que lutar mais em todos os âmbitos para salvar vidas, utilizando a informação de qualidade, a educação e os cuidados básicos de saúde como mecanismos de luta por dias melhores. Nestes termos, o jornalismo revela ainda mais a sua importância para a sociedade. Foi discutido, inclusive, que diante do desafio de informar em circunstâncias e dificuldades tão particulares como as vivenciadas nesta pandemia, o jornalismo precisa cumprir com seu dever social, sendo reconhecida a sua intersubjetividade.

Referências

Alsina, M. R. (2009). *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes.

Bakhtin, M. (2011). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Brasil. (2020). *Brasil confirma primeiro caso da doença*. Retirado de <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>

Chauí, M. (2008). *O que é ideologia*. São Paulo: Braziliense.

GI PI. (2020). *TV Clube terá mudança na programação a partir desta sexta-feira*. Retirado de <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2020/03/20/tv-clube-tera-mudanca-na-programacao-a-partir-desta-sexta-feira-20.ghtml>

GI SP. (2020). *Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta*. Retirado de <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>

GI. (2020). *'Acabou matéria do Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus*. Retirado de <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>

Globo. (2020). *Globo: construindo uma ponte segura entre fatos e pessoas*. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=sn6smTCxcQ4>

Graghani, J. (2020). *Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo*. Retirado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>

Hallin, D. C.; Mancini, P. (2010). *Sistemas de Media: Estudo Comparativo – Três Modelos de Comunicação e Política*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.

Jornal Nacional. (2020). *Editoria do Jornal Nacional*. Retirado de <https://globoplay.globo.com/v/8641367/>

Lage, N. (2003). *Estrutura da notícia*. São Paulo: Editora Ática.

Maingueneau, D. (2008). *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.

Motta, L. G. (2017). Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo – representação, apresentação ou experimentação da realidade? In F. Pereira; D. Moura & Z. Adghirni (Eds.). *Jornalismo e Sociedade*. Florianópolis: Insular. pp. 223-246.

Oliveira, E.; Ortiz, B. (2020). *Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil*. Retirado de <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>

Park, R. (2008). A notícia e poder da imprensa. In C. Berger & B. Marocco (Eds.). *A era glacial do jornalismo*. Porto Alegre: Sulina, v. 2. pp. 71-82.

Ribeiro, M. (2020). *A cobertura da pandemia do novo coronavírus trouxe maior credibilidade ao jornalismo*. Retirado de <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/coronavirus-covid-19/a-cobertura-da-pandemia-do-novo-coronavirus-trouxe-maior-credibilidade-ao-jornalismo/>

Rocha, H. C. L.; Gradim, A. (2020). Autonomia do jornalista, ética e política editorial: as implicações do enquadramento da notícia. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Schudson, M. (2010). *Descobrimos a notícia*. Petrópolis: Vozes.

Schulz, A. (2020). *Global Turmoil in the Neighbourhood: Problems Mount for Regional and Local News*. Reuters Institute. Retirado de <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/global-turmoil-in-the-neighbourhood/>

Sponholz, L. (2009). *Jornalismo, conhecimento e objetividade*. Florianópolis: Insular.

Traquina, N. (2016). *Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'*. Florianópolis: Insular.

Vogel, M. (2020). *A TV em tempos de Covid-19: impactos e mudanças no comportamento da sociedade*. Retirado de <https://www.kantaribopemedia.com/a-tv-em-tempos-de-covid-19-impactos-e-mudancas-no-comportamento-da-sociedade/>

Marília Gabriela Silva Rêgo

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra em Comunicação (UFPE, 2019) e Graduada em Jornalismo (UFPE, 2016).

Universidade Federal de Pernambuco

Raíssa Nascimento dos Santos

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (2016) e formada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Unicap (2011).

Universidade Federal de Pernambuco

Heitor Costa Lima da Rocha

Professor da Universidade Federal de Pernambuco, Graduado em Jornalismo, Mestre em Ciência Política, Doutor em Sociologia e Pós-Doutor em Comunicação pela Universidade da Beira Interior.

Universidade Federal de Pernambuco

Artigo submetido em 30/9/2020 e aceite em 06/12/2020.